



EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Jane Kelly Silva dos Santos ¹
Haroldo Moraes de Figueiredo ²

RESUMO

Este trabalho trata de um relato das experiências de Estágio Supervisionado em Educação Física, no âmbito da Educação Infantil. De forma geral, o estágio é fundamental na formação de professores, pois proporciona uma experiência marcante na área de atuação escolhida. Na Educação Infantil, é necessário e pertinente ter uma parceria com a Educação Física, no sentido de desenvolver as vivências das crianças com a cultura corporal, dentro de uma sociedade que não entende como a mesma é importante na vida das crianças. Assim, durante o Estágio, foi organizado uma sequência de planos de aulas para um grupo de crianças do Pré I e Pré II, contendo 20 alunos em cada sala, com idades entre 4 e 5 anos, de uma escola do agreste pernambucano, que ocorreu em 12 encontros, sendo 3 dias para observação da turma e 9 dias de intervenções. Foi adotado nas intervenções conteúdo da cultura corporal, como: ginástica natural; atividades lúdicas e recreativas; brincadeiras lúdicas; atividades recreativas; jogos cooperativos; jogos e brincadeiras; esquema corporal e coordenação motora; jogos cantados e jogos populares. Nesse contexto, o objetivo geral foi vivenciar diferentes atividades na escola, diversificando possibilidades para o melhor desenvolvimento das crianças. Concluímos que o Estágio de Educação Física na Educação Infantil, permitiu refletir de forma crítica a nossa prática, como também refletir sobre a docência específica dessa área do conhecimento, podendo elaborar novas possibilidades de atuação e, conseqüentemente, fortalecendo o compromisso social e inclusivo da nossa profissão na sociedade. Além de contribuir para o desenvolvimento de nos docentes em Educação Física, com crianças do ensino infantil.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Educação Física Infantil. Estágio Supervisionado.

¹ Discente do curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória UFPE/CAV, jane.santos@ufpe.br;

² Docente da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico de Vitória UFPE/CAV, haroldo.figueiredo@ufpe.br.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, será discutido sobre a experiência de Estágio de Ensino de Educação Física Escolar 1, no curso de licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal de Pernambuco. É importante evidenciar que neste curso, de modo geral, o estágio curricular obrigatório está organizado da seguinte forma: Estágio de Ensino de Educação Física Escolar 1, na Educação Infantil; Estágio de Ensino de Educação Física Escolar 2, no Ensino Fundamental, Estágio de Ensino de Educação Física Escolar 3, no Ensino Médio; e Estágio de Ensino de Educação Física Escolar 4, no Ensino Técnico.

Nesta perspectiva, busca-se estabelecer uma relação de parceria e colaboração com as instituições públicas e privadas da Educação Básica. O estágio curricular constitui um processo de formação profissional que proporciona ao estudante a oportunidade de aperfeiçoar suas competências e habilidades construídas e refletidas ao longo da formação inicial. É importante refletir criticamente a prática, e romper com o automatismo, de modo que contribua com o desenvolvimento da identidade docente e com as didáticas específicas (PIMENTA; LIMA, 2009).

O Estágio Supervisionado 1, discutido neste trabalho, ocorreu na Educação Infantil, numa escola pública de tempo regular, localizada no bairro José de Lemos da cidade de Vitória de Santo Antão-PE. Nesta escola, não foram encontrados professores de Educação Física atuantes na Educação Infantil. Problema este recorrente em outros municípios e estados brasileiros, que negligenciam o ensino da Educação Física Escolar (EFE) para as crianças de zero a cinco anos de idade.

Importante ressaltar esta questão, pois isto torna o trabalho de estágio de Educação Física na Educação Infantil, na região, uma iniciativa de grande relevância da Universidade para as crianças, que tem muitas vezes seu conhecimento sobre cultura corporal limitado devido ao uso excessivo das diversas tecnologias, como também a desmotivação em casa por parte dos pais, além da desvalorização nas escolas das experiências corporais como possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Diante desta problemática, para contribuir com o desenvolvimento das crianças foi realizado intervenções, que teve como objetivo geral: vivenciar diferentes atividades no espaço educacional, diversificando as possibilidades de desenvolvimento das crianças. Como habilidades a serem trabalhadas, sendo elas: socialização, atenção, memorização, agilidade, equilíbrio, corrida, caminhada, salto, coordenação motoras amplas, ritmo, percepção visual,

percepção auditiva e motora, noção espacial, concentração, velocidade, cooperação, raciocínio.

O Estágio se iniciou com a observação da turma, onde acontecia conversas com as professoras supervisoras, onde foi possível discutir sobre o comportamento e desenvolvimento dos alunos, assim como conteúdo trabalhados pelas professoras: numerais, atividades referentes a músicas, contação de histórias, atividades com vogais, consoantes e cores, jogos de montar, entre outros.

Nesse sentido, a concepção de criança que norteou nossa atuação estava de concordância com as políticas que regem esta etapa da educação básica no país. Onde o ser humano, é um sujeito social e histórico que faz parte de uma organização familiar inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico (LISBOA, 2015), além de ser uma criança que observa, brinca, imagina, fantasia, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social (BRASIL, 2010). Portanto, para ser realizado o estágio em Educação Física, foi necessário considerar os princípios da etapa da Educação Básica, a Educação Infantil.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A Base Nacional Comum Curricular defende que a Educação Infantil esteja regida por direitos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (BRASIL, 2018), esses direitos foram considerados em nossa metodologia de intervenção. Nesse sentido, ouvir a criança, dialogar e dar oportunidade para que ela possa vivenciar experiências com a cultura corporal foram estratégias fundamentais para nossas ações metodológicas.

De modo geral, o estágio envolveu 3 grandes momentos: encontros síncronos, assíncronos e presenciais com os professores orientadores do estágio, visitas de observação da turma e as intervenções em uma turma de ensino infantil do Pré I e Pré II com 20 alunos em cada sala, com idade entre 4 e 5 anos.

As intervenções planejadas para serem desenvolvidas com as crianças foram escolhidas por meio de uma observação inicial das necessidades das próprias crianças. Ao

final de cada intervenção, realizamos avaliações, utilizando rodas de conversas, recordatórios e questionamentos, e, ao longo do processo, foi avaliado a evolução dos alunos.

Os temas desenvolvidos nas intervenções com as crianças, são conteúdos abordados da cultura corporal. Todas as atividades foram realizadas no Pátio da escola, onde o mesmo era de frente para as salas de aula.

1º Encontro: Ginástica Natural

Atividades: 1) Explicação sobre ginástica natural, usando fotos e vídeos; 2) caminhada orientada; 3) circuito; 4) Brincadeira de pega-pega; 5) momento livre, imitando animais.

A partir dessas atividades as crianças se sentiram convidadas a se movimentar, já no primeiro contato com imagens e vídeos. Ou seja, mesmo antes de ser iniciado a parte prática, as crianças se sentiram motivadas a experimentar aqueles movimentos (se abaixando, se deitando, levantando as pernas). Algumas das crianças pediram para se movimentar imitando os animais. Isso demonstra que a criança é um sujeito ativo nas aulas, quando o ambiente favorece as interações. Além disso, foi possível perceber que a utilização das referidas atividades favoreceu a colocação de questionamentos por parte delas, bem como a demonstração de seu interesse mais por alguns tipos de movimentos do que por outros.

2º Encontro: Atividades Lúdicas e Recreativas

Atividades: 1) Brincadeira de identificação das cores; 2) Brincadeira de identificação dos números; 3) Brincadeira de identificação das vogais.

Algumas adaptações foram realizadas nas brincadeiras. Como foi observado durante a regência de aula, os alunos estavam eufóricos e correndo rapidamente para o local indicado. Para evitar acidentes, a solução encontrada foi evitar que os alunos corressem ao mesmo tempo. Para isso, eles foram orientados a formar trios, sendo direcionado um de cada vez para participar da atividade. Uma dificuldade encontrada foi tentar fazer com que cada aluno dos trios compostos compreendesse que eles teriam a sua hora de participar, pois, quando um determinado trio corria, os demais também queriam correr. Após algumas rodadas os alunos conseguiram entender e esperar a sua vez. Como estratégia para a ludicidade foi utilizado músicas nas brincadeiras, para motivar as crianças.

3º Encontro: Brincadeiras Lúdicas

Atividades: 1) Dança das cadeiras; 2) Brincadeira da batata quente musical; 3) Brincadeira do bobinho.

De início, a ideia era vivenciar a dança da cadeira de maneira adaptada, fazendo com que a criança que não conseguisse se sentar, permanecesse na brincadeira, sem exclusões. Como sugestão de uma das professoras, foi vivenciado a brincadeira com a regra original, ou seja, a criança que não conseguisse se sentar, sairia da brincadeira e ficaria aguardando a próxima rodada. No momento da batata quente musical, foi observado a timidez e insegurança das crianças para cantar uma música de sua preferência. Como solução, as professoras deram suporte para ajudá-los. Na atividade do bobinho, algumas crianças não entendiam que o aluno com a posse de bola deveria jogar para o colega de sua preferência. Nesse caso, algumas crianças acabavam chorando por não conseguir pegar a bola. Como solução, foi mencionado o nome da criança que deveria receber a bola.

4º Encontro: Atividades Recreativas

Atividades: 1) Brincadeira de passar a bola por cima, depois por baixo; 2) corrida do saci.

Foi preciso fazer modificações nas brincadeiras, conforme as necessidades surgidas. Na primeira atividade foi preciso muita atenção com as crianças, pois tivemos que repetir a explicação da brincadeira de passar a bola por cima, depois por baixo, mais de uma vez. Já na corrida do saci, para melhor controle, a turma foi dividida em dois grupos para realizar a corrida.

5º Encontro: Jogos Cooperativos

Atividades: 1) Brincadeira de passar o bambolê de um para o outro; 2) Brincadeira da bola ao bambolê; 3) Brincadeira com balões.

Foi utilizado o mesmo objeto para mais de uma brincadeira, pois os alunos demonstraram se sentir atraídos pelos bambolês. Na segunda atividade, os alunos apresentaram um pouco de dificuldade, ao terem que passar a bola enquanto caminhavam em direção ao bambolê, para arremessá-la dentro do mesmo. Nesse momento, foi necessário fazer

uma adaptação, pois apesar das duplas jogarem a bola um para o outro, os mesmos não andavam para chegar próximo ao alvo. Mesmo sendo pedido que andassem. Como solução do problema foi preciso trocar a dupla de cada aluno, para que a dinâmica fluísse e cada um pudesse ter a chance de acertar a bola dentro do bambolê. O comportamento das crianças para trabalhar de maneira cooperativa na brincadeira com os balões foi perceptível, pois eles se ajudavam e respeitavam o espaço do outro, deixando que cada um dos colegas pudesse tocar no balão.

6º Encontro: Jogos e Brincadeiras

Atividades: 1) Brincadeira do arranca rabo; 2) Brincadeira da bola ao alvo; 3) Brincadeira do boliche.

Nesse encontro foram realizadas algumas brincadeiras que as crianças já conheciam e outras que não conheciam. Mesmo desconhecendo uma parte das brincadeiras, elas participaram ativamente, sempre querendo repetir mais de uma vez cada atividade. O comportamento das crianças que saíam da brincadeira era de entusiasmo, sempre agitado.

7º Encontro: Esquema Corporal e Coordenação Motora

Atividades: 1) Brincadeira musical “caranguejo não é peixe”; 2) Brincadeira do abre e fecha; 3) Brincadeira do movimento o corpo.

Foi proposto às crianças brincadeiras onde elas deveriam repetir movimentos já determinados como, por exemplo: bater três vezes os pés; rodar três vezes sem sair do lugar e depois voltar para a roda, além de propor movimentos novos. As crianças repetiam os movimentos, cada um dentro da sua possibilidade e compreensão do que foi pedido e demonstrado. Nesse encontro não foi preciso fazer nenhuma adaptação, a aula fluiu de forma divertida e harmoniosa.

8º Encontro: Jogos Cantados

Atividades: 1) Brincadeira da ciranda, cirandinha; 2) Brincadeira de adoleta; 3) Brincadeira da batata quente.

Para facilitar a primeira brincadeira, em vez de um verso foram ditas palavras (como cores e números). Ao direcionarmos o que a criança deveria falar, observamos o comportamento delas ao substituir comandos da brincadeira (verso por palavras), bem como a sua atenção ao que estava sendo dito. As brincadeiras foram organizadas em círculos, filas, individual e em grupo. Apesar de serem utilizadas músicas que as crianças não conheciam, elas conseguiam prestar atenção.

9º Encontro: Jogos Populares

Atividades: 1) Jogo da dança da corda; 2) Jogo da cabra-cega; 3) Jogo da amarelinha; 4) Jogo com bola “bobinho”.

Para a realização da dança da corda, a participação das professoras foi crucial. Cada uma delas ficou numa extremidade da corda, segurando-a. Em seguida, no jogo da cabra-cega, foi feita uma adequação nas regras do jogo, para que todas as crianças conseguissem participar. Uma modificação foi realizada para facilitar que a criança vendada conseguisse pegar os demais colegas. Então foi posto as crianças sentadas, em círculo para facilitar.

Para a realização da amarelinha utilizamos bambolês. Foi observada a coordenação motora das crianças na execução dos movimentos dentro do jogo. Algumas delas demonstraram bom equilíbrio e coordenação, enquanto outras se mostraram mais desajeitadas. Como adaptação do jogo do bobinho foi feita uma única roda, com um aluno no centro. Porém, como foi observado a agitação dos alunos em querer pegar a bola ao mesmo tempo, adaptamos fazendo uma roda com 4 alunos e um no meio.

Como encerramento dessas intervenções foi feita uma visita no período da manhã e no período da tarde, com as crianças conversando e brincando, sendo entregue sacolinhas com doces e pipocas. E uma das crianças perguntou: “tia, a senhora não vem mais?”. E foi difícil responder essa pergunta sem fazer com que ela ficasse triste.

REFERENCIAL TEÓRICO

Estudos realizados por Kobal; Barbosa; Santos (2007) e Godoy; Kobal; Magalhães; Furloni (2007) revelam uma situação preocupante. Ainda que a Educação Física seja obrigatória por lei, e pais, diretores e professores que reconheçam a importância dessas aulas, as mesmas nem sempre ocorrem. Nesta perspectiva a desvalorização histórica da Educação

Física no cenário educacional, e o desconhecimento de sua real contribuição na formação do indivíduo é evidente.

No Artigo 26, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996), diz que a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental. Ou seja, ao retirar a Educação Física do ensino infantil, percebe-se que está sendo negligenciada a construção de condições para o acesso a um conhecimento que é obrigatório. É importante e fundamental que a criança não seja privada da Educação Física a que tem direito.

O papel de professores de Educação Física Escolar (EFE) na Educação Infantil e no ensino fundamental foram tema de debates, onde se discutiam dois pontos: o primeiro, a inserção dos professores de Educação Física para atuar paralelamente ao pedagogo e, segundo, continuar com a atual estrutura, ou seja, com apenas pedagogos atuando na Educação Infantil. Mas não se trata de atribuir funções específicas para ambos os profissionais e designar hora para a brincadeira e interação, e hora para linguagens. O professor de Educação Física deve ser mais um adulto com quem as crianças estabelecem interações na escola (SAYÃO, 2002).

Na Educação Infantil, a Educação Física desempenha um papel importante, propiciando um aprendizado por meio das brincadeiras, desenvolvendo os aspectos motores, cognitivos, emocionais e sociais, passando da fase do individualismo para a das vivências em grupo. A Educação Física é tão importante quanto as demais áreas educativas, pois procura desabrochar no indivíduo suas aptidões e aquisições de habilidades e capacidades [motoras] (LE BOULCH, 1988).

Portanto, fica claro que essa disciplina deve constituir em componente obrigatório das Escolas de Ensino Infantil, permitindo que as crianças se desenvolvam integralmente, onde corpo e mente sejam únicos, pois não é possível matricular apenas os corpos na escola (FREIRE, 1997). Dessa maneira, entendemos que as crianças precisam expandir seus movimentos, explorando seu corpo e o seu espaço físico, para terem um crescimento sadio (KRAMER, 1989).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados superaram todas as expectativas, tendo em vista que as crianças mesmo com dificuldades em realizar alguma parte das atividades no início, conseguiram arrumar um jeito de participar. De início, com ajuda e depois com autonomia como, por exemplo: algumas das crianças não conseguiam andar em linha reta, ou acertar a bola em determinado ponto, então era comum eles falarem: “tia, eu não sei fazer isso” ou “tia, eu não consigo”. Nessas situações sempre eram incentivadas por palavras ou pegando na nossa mão, para que elas se sentissem confiantes e seguras para realizar as atividades. No decorrer das semanas já era possível ver a autonomia dos alunos em participar das atividades propostas.

Além disso, o resultado é bastante satisfatório. Com as adaptações feitas à realidade da escola foi possível ver a evolução das crianças e, principalmente, daqueles alunos que as professoras suspeitavam de ter autismo (estes não participavam e nem falavam muito). Foi perceptível notar mudanças em seus comportamentos, no decorrer das aulas de Educação Física.

Diante dessas intervenções houve algumas reflexões positivas se configuraram como resultado da ação. A realização das intervenções do estágio em Educação Física, com as aulas de rotina (que já eram desenvolvidas pelas professoras da turma), cooperou para melhorar a participação e socialização das crianças em todas as atividades propostas. Além disso, despertavam a alegria e o entusiasmo dos alunos, quando tinham certeza de que teria as intervenções.

Com as atividades propostas, além de desenvolverem suas habilidades motoras, os alunos aprenderam a conviver com outras crianças. Então todas as práticas foram importantes para que existisse essa maior aproximação entre eles e, até mesmo, com as próprias professoras. Assim, essa relação de aprendizagem mútua professor-aluno consegue renovar a maneira de pensar, de agir e planejar as aulas, tornando-as participativas e inclusivas, bem como valorizando o desenvolvimento integral das crianças.

As experiências vividas durante o período de estágio foram relevantes, para que alguns questionamentos surgissem: O que aprendi em cada experiência dessas? O que aprendi sobre a participação de crianças autistas e demais deficientes nas brincadeiras, junto com toda a turma? Quais dificuldades foram vivenciadas e como foi construído maneiras de superá-las?

Cada encontro proporcionava um domínio de instrumentos teóricos e práticos imprescindíveis à execução de cada atividade realizada em cada encontro. Além de nos depararmos com as responsabilidades do trabalho e de saber lidar com alguns desafios, pois durante o estágio foi preciso aprender a lidar com as diferenças entre os alunos e seus

contextos. Também foi importante compreender que a sala de aula não pode ser um espaço de estresse. Muito pelo contrário! No ambiente de aula, o(a) educador(a) ter tranquilidade no trato com os alunos, como também saber construir soluções para superar as dificuldades na medida que forem surgindo. É por meio de um processo interativo e afetivo, que o sentimento de estar em um ambiente prazeroso e feliz gera, no estagiário, um crescimento para vida pessoal e profissional.

Foi observada a iniciativa para brincar partindo da criança autista, e a interação com os demais, consolidando que as intervenções foram benéficas, tanto no sentido da ampliação de seus movimentos e vivências de brincar, como em suas relações com o restante da turma.

Enquanto estagiária e professora em formação vivenciei dificuldades ao longo dos encontros. Primeiramente pelo fato de planejar uma aula e criar expectativas de que tudo irá dar certo, porém, durante o percurso percebemos que algumas coisas não dão certo. Esse tipo de experiência foi um pouco desestimulante no início, mas não foi um empecilho para construirmos maneiras de superar aquelas dificuldades. Buscamos fazer algumas adaptações e pedir ajuda às professoras responsáveis pela turma. A falta de materiais na escola não limitou os objetivos das atividades. Para superarmos essa dificuldade, confeccionamos, reciclamos e compramos alguns materiais para utilizar nas atividades realizadas.

Ressalta-se ainda os momentos de insegurança, de aflição, de dúvidas e dificuldades durante o estágio. Todos esses elementos não estavam associados à sala de aula, ao planejamento e nem ao plano de aula de estágio ou ao relatório, mas sim à falta de tempo para preparação destes. Saber organizar o tempo da aula, as atividades desenvolvidas, os momentos de discussão e o momento de abrir espaço para as crianças questionarem, é uma habilidade que fomos aprendendo a desenvolver gradativamente. Nesse contexto, aprendemos que as dificuldades fazem parte da licenciatura e que não são fáceis de serem superadas, pois precisamos acumular cada vez mais experiências e reflexões sobre o exercício da docência, bem como construir nosso amor pela profissão e desenvolver nossa identidade docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular é considerado um momento fundamental na nossa formação acadêmica, profissional e pessoal, pois proporciona aos estudantes uma experiência marcante na concepção que traz na área de atuação escolhida, além de dar oportunidade de aperfeiçoar as competências e habilidades que vêm sendo construídas e refletidas ao longo da graduação.

Ademais, ver de perto como é atuar na área escolhida, como planejar as aulas e replanejar quando algo não está fluindo; como o docente deve lidar com as dificuldades do dia a dia; como ajudar e acolher uma criança que chega triste na sala de aula e fala para gente o motivo de estar triste, e o quanto isso nos abala psicologicamente. Essa experiência é única, porque cada criança tem suas particularidades e, diante da prática docente, é preciso organizar e planejar uma metodologia que enxergue as necessidades específicas de todas.

Conclui-se também que se faz cada vez mais evidente e necessária a importância da Educação Física nesta primeira etapa da Educação Básica, pois ela pode contribuir com o desenvolvimento integral das crianças. Visto que as bases teóricas utilizadas acerca do conceito de infância mostram que esta fase da vida necessita ser compreendida como um grupo social e cultural, onde a criança é criadora de cultura, capaz de se transformar e transformar o que a cerca.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional diretrizes e Bases para a Educação Nacional n.º 9.394/96**. Brasília: MEC/FAE, n.º 9.394/96. 1996.

FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro** Educação de Corpo Inteiro Educação de Corpo Inteiro. São Paulo: Scipione, 1997.

GODOY, R. P.; KOBAL, M.C.; MAGALHÃES, J.S.; FURLONI, V.M.C. **A Educação Física nas Escolas Municipais de Educação Infantil de Jaguariúna/SP**. In: Simpósio Regional de Educação Física da FaEFi – PUC Campinas: Educação Física Escolar, Exercício e Saúde e Esporte de Aventura. Campinas, junho, 2007.

KOBAL, M. C.; BARBOSA, E.; SANTOS, J. S. G. **Educação Física na Educação Infantil: visão dos professores, da direção e dos pais**. In: V Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XI Simpósio Paulista. Universidade Estadual Paulista – Rio Claro, abril, 2007

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 1989.



LE BOULCH, J. **Educação Psicomotora: a psicocinética Educação Psicomotora: a psicocinética na idade escolar.** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1988. 356p.

LISBOA, Carla Andrade. **Dilemas e Contradições sobre a Concepção de Infância Presente no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI.** 2015.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. (ORGS). **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Jane Kelly S. dos. **Relatório Final do Estágio de Ensino de Educação Física Escolar 1.** Vitória de Santo Antão, PE: Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro Acadêmico da Vitória, Universidade Federal de Pernambuco, turma 2021.2, maio/2022.

SAYÃO, D. T. **Corpo e Movimento: Notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 23, n. 2, p. 55- 67, jan. 2002.